

sobre tudo

PERSÉPOLIS, DE MARJANE SATRAPI: UMA VIAGEM PELA GRAPHIC NOVEL

Isadora Silva Peruyera Sanchez³⁰

Fernanda Müller³¹

Resumo: O presente trabalho foi iniciado a partir da investigação sobre as formas de representação do imigrante árabe na literatura contemporânea. Após a leitura e a análise de diversos textos que abordam o tema em gêneros literários diversos, como histórias infantis, contos, fábulas e romances, foi escolhida como objeto de pesquisa a obra **Persépolis**, da escritora e ilustradora iraniana Marjane Satrapi. Assim, o presente trabalho analisa questões ligadas à linguagem literária e ao estilo da autora, bem como a temática orientalista e o gênero escolhido por Satrapi para narrar sua história: a *graphic novel*.

³⁰ Estudante do Ensino Médio do Colégio de Aplicação da UFSC. Bolsista do CNPq PIBIC-EM. Contato: isadoraperuyera@gmail.com

³¹ Doutora em Literatura pela UFSC e Professora de Língua Portuguesa do Colégio de Aplicação da UFSC. Pesquisadora e orientadora do PIBIC-EM. Contato: f.muller@ufsc.br

Palavras-chave: Literatura Contemporânea; *Graphic novel*; **Persépolis**; Representação de indivíduos não-nacionais; Orientalismo.

Abstract: The Arab immigrant in contemporary literature was the starting point for the present study. After reading and analyzing several texts that approach the theme in different literary genres, such as children's stories, short stories, fables and novels, the research was directed to *Persépolis* by the Iranian writer and illustrator Marjane Satrapi. Besides, this study analyzes issues related to the author's style and the Orientalist theme tackled by the work as well as the very form of the graphic novel, the genre chosen by Satrapi to narrate her story.

Key-words: Contemporary Literature; Graphic Novel; **Persépolis**; Representation of non-national individuals; Orientalism.

Rumo ao Oriente

O que sabemos sobre a cultura árabe? Quais países compõem o Oriente Médio? Qual é a língua mais falada na região? Onde fica Bagdá? Quais são as religiões mais cultuadas no Oriente Médio? O que chega até nós da literatura árabe, além de contos dispersos retirados de **As mil e uma noites**, como **Aladin** ou **Ali Babá**? O pouco conhecimento que a maioria dos brasileiros possui em relação ao Oriente Médio, nós inclusive, não permitia responder a essas simples perguntas. Foi por esse motivo que o presente trabalho começou. O objetivo inicial era tomar contato com esse “mundo desconhecido”, ainda que com uma pequena parte dessa cultura, para compreender como o árabe era representado na literatura.

Tendo em vista as notícias atuais em relação à “crise migratória” que o mundo vivencia, pretendíamos tomar uma obra

da literatura e analisá-la, compreendendo, a partir da ficção, aspectos mal compreendidos das tradições árabes que resultam na rotulação, na discriminação e nas dificuldades para se adaptar/ser aceito na mudança para o Ocidente, no caso, a Europa. Também pretendíamos investigar temas como a religião islâmica e o papel da mulher na sociedade árabe.

Para aumentar o repertório, a pesquisa previa o contato com bibliografia variada, produzida em diferentes gêneros. Foi assim que foram assistidas ou lidas, fichadas e discutidas as obras: a) filmes contemporâneos: **Os árabes também dançam** [2014]; e **As cinco graças** [2015]; b) romances: **A chave de casa** [Tatiana Salim Levy]; **Judith no país do futuro** [Adriana Armony]; **Eu sou Malala** [Malala Yousafzai]; c) literatura infanto-juvenil: **As Babuchas de Abu Kassem** [Rosane Pamplona]; **As mil e uma noites** [Éditions Auzuou, 2013]; e **ABC do mundo árabe** [Paulo Daniel Farah]; d) *graphic novels*: **O árabe do futuro** [Riad Sattouf]; **Habibi** [Craig Thompson] e **Persépolis** [Marjane Satrapi]; além de obras teóricas, todas tratando de assuntos relacionados à imigração, à representação do árabe e de sua cultura e, mais especificamente, ao gênero *graphic novel*.

Destacava-se em meio a esse repertório o romance *A chave de casa*, da escritora brasileira descendente de árabes, Tatiana Salem Levy, o qual inicialmente pretendíamos investigar. Entretanto, com o desenvolvimento do trabalho, o gênero *graphic novel* ganhou destaque e mostrou-se mais adequado para atingir alguns dos objetivos propostos pela pesquisa, já que a forma escolhida para contar uma história influencia seu resultado e nesse caso havia a possibilidade de diálogo entre imagem e texto.

Ajustando o foco, a pesquisa foi direcionada para a análise da obra **Persépolis**, uma *graphic novel* publicada inicialmente em 2000, na França. Sua autora, a quadrinista, romancista gráfica, ilustradora e escritora infanto-juvenil franco-

iraniana, Marjane Satrapi. Embora tenha escrito outros livros, Persépolis permanece a obra mais conhecida de sua carreira. Nela, conta uma história baseada na própria vida, da infância à fase adulta. Marjane nasceu em 1969 e cresceu em uma família politizada em meio a movimentos comunistas e socialistas no Irã, antes da Revolução de 1979. Sua vida foi marcada por grandes acontecimentos históricos: da repressão religiosa à Queda do Xá, entre outros. Foi educada para ser crítica e seguiu grande parte da vida questionando e rejeitando o que lhe era imposto, em seu país ou nos outros lugares onde morou, postura problematizada na obra pela protagonista.

Após a primeira fase da pesquisa, que correspondeu à revisão bibliográfica e acarretou na redefinição do objeto da pesquisa, pudemos refinar nossos objetivos para efetivamente analisar a obra selecionada. Os objetivos passaram a ser: 1) pesquisar temas contemporâneos, como o movimento de imigração sírio na atualidade; 2) conhecer e compreender obras do gênero *graphic novel*; 3) ler e analisar a obra Persépolis, de Marjane Satrapi; 4) compreender como a obra representa indivíduos árabes, especialmente a importância atribuída à religião islâmica e à mulher na sociedade árabe; 5) investigar conceitos de identidade, representação, estereótipo, discriminação e exotismo e compreendê-los na obra em análise.

1 Persépolis

A obra Persépolis foi lançada há quase dezessete anos, mas mantém-se atual. Na narrativa a protagonista é forçada a migrar devido a problemas políticos com o regime que assume o governo do Irã. Apesar de muito jovem, no início da adolescência, a mudança de país é sentida como uma espécie de “exílio”. Na medida em que se insere no novo continente, a Europa, Marjane vivencia estranhamentos culturais, além do preconceito pela

origem árabe e pela religião muçulmana. A protagonista inicia essa nova etapa da vida em boas condições físicas e contando com a ajuda financeira dos pais.

Porém, as relações sociais que estabelece na França vão afetando cada vez mais sua vida, prejudicando-a. Ao contrário do que muitos pensam, a dificuldade de um estrangeiro não se dá só pelo modo como ele encara o “novo mundo”, mas também pela maneira como esse “novo mundo” o encara. De acordo com o pesquisador da imigração Abdelmalek Sayad: “imigração e emigração são como as duas faces de uma mesma moeda”.

Para expressar os conflitos de sujeito árabes na Europa, a protagonista explora os eixos do tempo e do espaço, marcados pelo crescimento e pelo deslocamento de Marjane na história. A obra é toda em preto e branco e alia textos, em rodapés, caixas e balões à imagens em *closes* e grandes painéis para compor o relato. Daí surgiu a necessidade de uma primeira distinção: **Persépolis** é *graphic novel*, HQ ou mangá? A obra nos instigou a compreender quais recursos foram empregados pela autora-illustradora a fim de tentar abordar de modo singular a imigração árabe na literatura.

1.1 Graphic novel

Graphic novel, HQ e mangá: muitos pensam que esses três gêneros ou sub-gêneros dos quadrinhos são a mesma coisa devido às semelhanças em relação ao formato de apresentação, como balões de fala, molduras etc. Porém há muitas peculiaridades que diferem os três permitem que sejam tratados como gêneros distintos.

De acordo com uma matéria publicada no *Portal EBC* (2016), as histórias em quadrinhos (HQ) foram criadas nos Estados Unidos e ganharam força com a popularização dos jornais

e revistas onde eram impressas na virada do século XIX para o XX. As narrativas passaram a ser conhecidas por públicos de diferentes faixas etárias por serem simples e de fácil acesso, lançando personagens que se tornaram ícones, como os americanos Charlie Brown e Garfield, a argentina Mafalda ou a brasileira Turma da Mônica.

O mangá, vindo do Oriente, percorreu outros caminhos. De acordo com Eliane Percilia (2016), o *mangá* teve origem do *Oricom Shohatsu* (teatro das sombras), que era uma maneira de contar lendas através de fantoches no período feudal. Após um tempo, as lendas passaram a ser escritas em rolos de papel e ilustradas, de onde surgiram os *mangás*. O gênero é conhecido principalmente pela peculiaridade da leitura das obras orientais, pois as histórias são escritas em outra perspectiva. Seguem o sentido contrário na numeração das páginas, ou seja, são de “trás para frente” se tomarmos como referência a literatura ocidental a qual estamos habituados.

Segundo o site JBC Mangás (2016), o estilo dessa literatura é marcado por características peculiares. Um exemplo é o traço dos desenhos: as personagens de quadrinhos japoneses sempre têm olhos maiores, marcados e aquosos. As cabeças não raro também são maiores do que o corpo e há um certo erotismo na representação dos corpos. No que se refere à linguagem, outro aspecto importante para a caracterização de um *mangá* são as onomatopeias, uma ferramenta muito presente nessas narrativas. Além disso, os mangás são populares e acessíveis por serem produzidos em **preto-e-branco** e publicados em papel jornal, o que barateia seu custo e colabora para a enorme circulação. Nesse sentido, não estão historicamente vinculados à produção ou circulação de jornais, como ocorre com a HQ.

Passando agora ao *graphic novel*, o primeiro traço que o distingue dos dois anteriores não é a forma, mas o conteúdo: a complexidade das histórias. O roteiro é, na maioria das vezes,

inspirado em experiências do próprio autor e escrito de maneira romantizada, dramática. As histórias costumam conter *apresentação*, *clímax* e *resolução*, ou seja, normalmente não são sequenciais, desenvolvendo começo meio e fim no mesmo exemplar. A *graphic novel* também emprega recursos como *closes*, recortes e panorâmicas, mas como não raro são produzidas por artistas plásticos, há uma busca maior por experimentações estéticas variadas.

Além disso, é notável uma preocupação maior com a qualidade do material com que as obras são feitas, já que normalmente o papel é de maior gramatura, não raro utilizam encadernações de capa dura, com impressão de alta resolução e projeto gráfico mais detalhado. Outra característica desse gênero é a ilustração, quase sempre feita pelo próprio autor, potencializando as duas linguagens para a elaboração da história. A seguir reproduzimos uma imagem que exemplifica esse trabalho artístico, extraída da obra **Habibi**, do escritor-ilustrador americano Craig Thompson, em que há um minucioso emprego de símbolos tradicionais da caligrafia, da religião e da cultura árabes na construção da personagem:



Figura 01: Mulher constituída de palavras.
THOMPSON, Craig. Habibi, 2012, p.405

Tendo em vista o que apresentamos, **Persépolis** pode ser considerada *graphic novel*, pois ultrapassa a concepção de uma narrativa sequencial em quadrinhos. É uma espécie de romance escrito e ilustrado pela autora, em sua tentativa de contar passagens da própria vida, problematizando questões polêmicas, como vemos a seguir, no trecho acerca do uso do véu, o lenço muçulmano, pelas mulheres:

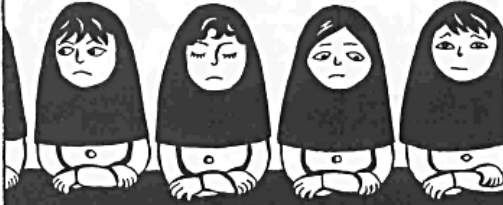


O VÉU

ESSA SOU EU, COM 10 ANOS DE IDADE, EM 1980.



E ESSA É A MINHA CLASSE. COMO ESTOU SENTADA NO CANTO ESQUERDO, NÃO DÁ PRA ME VER NA FOTO. DA ESQUERDA PARA A DIREITA: GÖLNAZ, MAHCHID, NARIN, MINA.



EM 1979 ACONTECEU UMA REVOLUÇÃO QUE DEPOIS FOI CHAMADA DE "REVOLUÇÃO ISLÂMICA".



ENTÃO VEIO 1980: O PRIMEIRO ANO EM QUE O VÉU SE TORNOU OBRIGATORIO NAS ESCOLAS.



A GENTE NÃO GOSTAVA MUITO DE USAR O VÉU, PRINCIPALMENTE PORQUE NÃO ENTENDIA O MOTIVO.



Figura 02: O véu.

SARTRAPI, Persépolis, 2007, p.09

O livro é contado de modo integrado por meio do texto e das ilustrações de Marjane Satrapi, demonstrando preocupação estética: a narrativa é concisa e as imagens exploram o contraste entre as cores preta e branca que dão o tom à obra. Além disso, os ângulos distintos em que as personagens são retratadas reforçam a percepção e os sentimentos da narradora, ora pequena, diminuída, ora empoderada, libertária, entre a paisagem que a cerca e os demais.



Figura 03: Represálias após a condenação do uso do véu.

SARTRAPI, *Persépolis*, 2007, p.11



Figura 04: história familiar e fantasia infantil.

SARTRAPI, *Persépolis*, 2007, p. 28



Figura 05: Sonhos de menina.
SARTRAPI, *Persépolis*, 2007, p.67

Para além dos traços, contornos e contrastes das imagens, **Persépolis** permite que se problematizem importantes conceitos, como veremos a seguir.

1.2 Estereótipo, discriminação e exotismo

O *estereótipo* é uma forma de discriminação, assim como o *exotismo*, quando um determinado grupo é visto com uma espécie de anomalia. Seres tidos como diferentes da cultura hegemônica recebem a marca do *exóticos*, “tipos” a serem visitados e observados, alimentando a indústria do turismo. Mais forte ainda é o estereótipo. Em comum, a ideia de que a própria cultura é superior e a do outro, inferior. A minha é a correta, aceita, adequada, já a do outro é cristalizada dentro de padrões sociais generalizantes, os *estereótipos*. É o caso, no Brasil, da “mulata”, do “malandro”, do “favelado” ou do “nordestino”, entre tantos outros.

Ao não receber feições próprias, gostos e particularidades, ficam engessados em uma concepção estreita que circula socialmente. Essa padronização é particularmente aplicada na rotulação de indivíduos que provêm de culturas distantes, especialmente de países subdesenvolvidos, com alguma ênfase no caso de africanos, orientais, árabes e mesmo latino-americanos. No passado, eram negros, ciganos, judeus e deficientes as grandes vítimas de preconceito, exclusão e extermínio. Hoje, de maneira ainda mais agressiva, são indígenas, negros e árabes – muçulmanos ou não – os que mais sofrem com juízos de valor pré-concebidos, embora mulheres e sujeitos que não se enquadrem no padrão heteronormativo também não estejam a salvo do preconceito – acentuado em função de sua classe social.

No caso específico dos árabes, Edward Said, importante pesquisador palestino, destaca o quanto o Oriente é uma invenção do Ocidente. Em seus estudos sobre o que chama de “Orientalismo”, a leitura do Oriente feita pelo Ocidente, Said discute o que a narrativa de Sartrapi exemplifica. Em Persépolis, um dos momentos mais marcantes é quando, já de volta para o Irã, Marjane se encontra num dilema que a leva a depressão. Na Europa, sofria por ser do Oriente Médio, mas, quando volta para seu país natal, devido às experiências incorporadas durante os anos fora, passa a sofrer por ser considerada Ocidental, acusada de perder parte dos costumes tradicionais da sua terra:



Figura 06: Estranhamento, choque cultural, crise de identidade.
SARTRAPI, **Persépolis**, 2007, p.277

Durante sua estadia na Europa, muitas das barreiras que a personagem teve que enfrentar deviam-se ao preconceito que o Ocidente cria sobre quem vem do Oriente. As pessoas normalmente nem se dão ao trabalho de tentar conhecer o estrangeiro, já têm uma opinião formada sobre ele. Stuart Hall, estudioso do Pós-colonialismo, explica que “[...] não importa quão diferentes seus membros possam ser em termos de classe, gênero ou raça, uma cultura nacional busca unificá-los numa identidade cultural, para representá-los todos como pertencendo à mesma e grande família nacional.” (HALL, p. 59). Ou seja, na

Europa, Marjane virou apenas mais uma iraniana, mais uma “refugiada da guerra”, “fanática religiosa” ou “estrangeira suja”, conforme o olhar de quem a encontrava, algo que não cabia naquele conceito idealizado de nação.



Figura 07: Preconceito e humilhação.

SARTRAPI, *Persépolis*, 2007, p.225

Stuart Hall afirma ainda que “A Europa Ocidental não tem qualquer nação que seja composta apenas de um único povo, uma única cultura ou etnia. *As nações modernas são, todas, híbridos culturais.*” (HALL, p. 62). Além do fato de a própria origem europeia ser uma mistura entre povos, o continente passou a receber muitos imigrantes ao longo dos tempos. A personagem Marjane seria um exemplo dessa miscigenação. Assim como ela, ainda hoje, muitos estrangeiros principalmente os nascidos no Oriente Médio, América-Latina e África, buscam uma nova vida em outro país, uma chance de superar conflitos armados, políticos e econômicos:



Figura 08: Negociações e tensões familiares.
SARTRAPI, Persépolis, 2007, p.154

1.3 A visão do Ocidente sobre a mulher árabe

Quando se trata da questão da mulher na literatura árabe, é comum que seja associada à uma representação do **Alcorão**, livro sagrado para os muçulmanos. Superficialmente conhecido fora da própria religião, é tido como um livro de fanáticos dentro de uma cultura machista, difundindo tais estereótipos. Nesse senso comum, a mulher árabe muçulmana é representada como submissa, sem voz, sempre oprimida, sem estudos e sem o direito de participar da construção da história.

Em Persépolis, a autora questiona esse senso comum, evidenciando como a visão fundamentalista e não a do muçulmano em geral levou a tais distorções. E evidencia como elas atingiram tanto homens quanto mulheres. Marjane lida com muitas situações que evidenciam problemas com a sexualidade e o machismo. A própria personagem vivenciou grandes mudanças na sociedade: quando criança, Marjane se via livre para falar e agir como quisesse, mas logo no início da adolescência passou a ser obrigada a usar o véu, a reproduzir o que aprendia na aula de religião, mesmo que não concordasse, entre outras coisas. As imagens abaixo evidenciam o código moral imposto na sociedade, que restringia até a escolha das roupas:



Figura 09: Imposição das roupas pelo Código Moral
SARTRAPI, *Persépolis*, 2007, p.81

Os relatos da personagem tornam notável também a diferença entre a maneira como a mulher é vista no Ocidente e no Oriente. A sexualidade é tratada de maneira muito diferente entre os países pelos quais circula, como é o caso do Irã em oposição à França ou à Suíça. Marjane era vista como ingênua e mesmo pudica na Europa pela maneira como se referia às relações sexuais e por ser virgem. Já em seu país, quando retorna após alguns anos, muitos a viam como uma prostituta por ter se adequado aos “costumes sexuais do Ocidente”, ou seja, por manter parceiros sexuais sem ser casada:



Figuras 10: Sexualidade e moralismos
SARTRAPI, *Persépolis*, 2007, p.275

Considerações finais

Com essa pesquisa entrei em contato como nunca havia tido oportunidade com a cultura árabe e as questões relacionadas a ela. A meu ver, muito se pode explorar nesse “mundo desconhecido”. No Brasil, a importância e o respeito que se dão à temática são mínimos: estudamos muito mais sobre a Europa e os Estados Unidos do que sobre o Oriente Médio ou mesmo a própria América Latina, por isso há tantos preconceitos circulando a respeito de argentinos ou árabes.

Persépolis é uma *graphic novel* e pode ser considerado um exemplo de boa literatura porque trata de um tema polêmico, atual e necessário de maneira muito provocadora e particular. A autora demonstra muita dedicação com o trabalho estético, merecendo destaque por criar uma identidade própria tanto na escrita quanto na concepção das imagens. A literatura serve para humanizar as pessoas, assim como a arte faz, segundo a professora Rose Meri Trojan.

É o que sentimos diante dessa obra: um livro essencial para combater a discriminação em relação ao mundo árabe e sua sociedade. São narrativas como esta que nos dão acesso a uma visão sincera, de quem viveu na pele más experiências por conta da exclusão que sofrem os árabes. Acreditamos na importância deste tema e que ele deve ser muito mais discutido e trabalhado em sala de aula, já que o acesso à esse tipo de informação é escasso. Há hoje um grande número de obras que trazem à tona conflitos vividos por imigrantes orientais, cuja leitura na escola e fora dela pode ser um caminho para combater preconceitos e estereótipos que tornam nossa sociedade, ainda hoje, um espelho para **Persépolis**.

Referências

ARMONY, Adriana. **Judite no país do futuro**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

Arte Árabe – Literatura. Disponível em: <http://www.arabeegipcio.com/2012/08/arte-arabe-literatura.html>. Acesso em: 02 nov. 2016.

Cinco graças [filme]. Dir. Deniz Gamze Ergüven. Franco-turco; Colorido; 100 min; 2015.

Como surgiram as histórias em quadrinho? Disponível em: <http://www.ebc.com.br/infantil/voce-sabia/2016/07/como-surgiram-historias-em-quadrinho> . Acesso em: 03 out. 2016.

Crash – no limite [filme]. Dir. Paul Haggis. EUA; Colorido; 115 min; 2004.

DW MADE FOR MINDS. **Graphic novel**: algo mais do que história em quadrinhos. Disponível em: <http://www.dw.com/pt/graphic-novel-algo-mais-do-que-hist%C3%B3ria-em-quadrinhos/a-15364273>. Acesso em: 20 jul. 2016.

Entre os muros da escola [documentário]. Dir. Laurent Cantet. França; Colorido; 128 min; 2008.

FARAH, Paulo Daniel. **A, B, C do mundo árabe**. SM EDITORA, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

JBC MANGÁS. Os mangás e as suas características. Disponível em: <http://mangasjbc.com.br/os-manga-e-suas-caracteristicas/>. Acesso em 04 out. 2016.

JELLOUN, Tahar Nen. **O islamismo explicado para às crianças**. Editora Unesp, 2011.

LAMB, Christina. **Eu sou Malala**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2013.

LEVY, Tatiana Salem. **A chave de casa**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

O QUE É? VOCÊ SABIA? **O que é graphic novel?** Disponível em: <http://www.o-que-e.com/o-que-e-uma-graphic-novel/>. Acesso em: 20 jul. 2016.

Os árabes também dançam [filme]. Dir. Eran Riklis. Colorido; 105 min; 2014.

PAMPLONA, Rosane. **As babuchas de Abu-Kassem**. Editora Elementar, 2011.

PERCILIA, Eliane. “Mangás”. **Brasil escola**. Disponível em: <http://brasilecola.uol.com.br/artes/o-que-e-manga.htm>. Acesso em: 03 out. 2016.

Persépolis [animação]. Dir.: Marjane Satrapi e Vincent Paronnaud. França; Preto e Branco; 96 min; 2007.

SAID, Edward. **Reflexões sobre o exílio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SARTRAPI, Marjane. **Persépolis**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SATTOUF, Riad. **O árabe do futuro**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015.

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. Tradução de Cristina Murachco. São Paulo: Edusp, 1998.

TROJAN, Rose Meri. “A arte e a humanização do homem: afinal de contas, pra que serve a arte?”. **SciELO Brasil**. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40601996000100007 Acesso em 13 fev. 2017.

THOMPSON, Craig. **Habibi**. Editora Quadrinhos na CIA, 2012.

ZAKZUK, Maísa. **Meu avô árabe**. São Paulo: Panda Books, 2012.